

Artigo Original

Educação Física Escolar e multiculturalismo: possibilidades pedagógicas

Irene Conceição Andrade Rangel^{1, 2}
Eduardo Vinícius Mota Silva^{3, 2}
Luiz Sanches Neto^{5, 2}
Suraya Cristina Darido^{1, 2}
Laércio Schwantes Iório²
Sara Quenzer Matthiesen^{1, 2}
Zenaide Galvão^{7, 2}
Luiz Henrique Rodrigues^{3, 2}
Luiz Alberto Lorenzetto^{1, 2}
Eduardo Augusto Carreiro^{4, 2}
Luciana Venâncio^{5, 6, 2}
Alessandra Andrea Monteiro^{6, 8, 2}

¹Departamento de Educação Física da UNESP, Rio Claro, SP, Brasil

²Laboratório de Estudos e trabalhos Pedagógicos do DEF/UNESP Rio Claro, SP, Brasil

³Universidade Plesbiteriana Mackenzie, SP, Brasil

⁴SESI - Serviço Social da Indústria, SP, Brasil

⁵Universidade de Guarulhos, SP, Brasil

⁶Rede Municipal de Ensino Fundamental do Estado de São Paulo, Brasil

⁷Universidade Cruzeiro do Sul, SP, Brasil

⁸Centro Universitário Metropolitano de São Paulo, SP, Brasil

Resumo: A escola e a Educação Física sempre tiveram dificuldades em lidar e abrir espaços para a manifestação e a valorização das diferenças. Nosso artigo, de caráter teórico, tem como objetivo analisar as interfaces entre a Educação Física escolar e o multiculturalismo, apresentando algumas sugestões de intervenção para o ensino básico. Realizamos uma revisão teórica sobre o assunto, que buscou refletir sobre a prática pedagógica dos profissionais de Educação Física, apontando algumas possibilidades de abordagem. Para a mudança deste quadro sugerimos: não encarar a problemática das discriminações e dos preconceitos de forma superficial, mas sim destacar o conteúdo discriminador e estimular a reflexão sobre ele, sem esquecer a especificidade do componente curricular; valorizar as diferentes manifestações culturais espontâneas e propor situações em que as diferentes culturas se mostrem e sejam problematizadas; utilizar o princípio da inclusão; refletir sobre sua própria ação; escolher e contextualizar os conteúdos de forma diversificada; avaliar as atitudes dos alunos com relação ao respeito às diferenças; propor projetos interdisciplinares que diminuam as práticas discriminatórias, levando em consideração a realidade cultural da escola.

Palavras-chave: Educação Física. Multiculturalismo. Preconceito

School Physical Education and multiculturalism

Abstract: School and Physical Education have always had difficulty to deal and to spread the manifestation of the differences and to give value to it. The aim of this work is to analyze the interfaces between school Physical Education and multiculturalism, presenting some intervention suggestions for the primary education. A bibliographic review was conducted on the issue searching an understanding on the pedagogic practice of the Physical Education professional, pointing some possible approaches. In order to change such pattern it was suggested the following: not to face the discrimination and prejudice superficially, but instead, to highlight the discriminating issue and to encourage reflection on it, not forgetting the curricular content; to value the different spontaneous cultural manifestations and to propose situations in which different cultures are shown and challenged; to use the inclusion principle; to reflect about the own action; to choose and to contextualize the contents in a diversified way; to evaluate the students attitude towards the difference respect; to propose interdisciplinary projects to reduce the discrimination practices, considering the cultural reality of the school.

Key Words: Physical Education. Cultural diversity. Prejudice.

Introdução

Não é difícil observar nos dias de hoje discussões acadêmicas voltadas ao tema do multiculturalismo. Nelas são tratadas questões referentes a valores e idéias próprias de determinadas culturas, racismo, diferenças culturais, enfim, dos preconceitos de maneira geral.

Talvez, um bom ponto de partida para a discussão deste tema seja a afirmação de que a sociedade brasileira é multicultural, o que significa reconhecer a diversidade étnica e cultural dos diferentes grupos sociais que a compõem. Uma outra constatação é que existem desigualdades no acesso a bens econômicos e culturais por parte dos diferentes grupos (CANEN, 2001).

O multiculturalismo, tal como se entende neste texto, constitui uma ruptura com a perspectiva na qual se acreditava na homogeneidade e evolução “natural” da humanidade, rumo a um acúmulo de conhecimentos que levaria à construção universal do progresso. Ao contrário, entende-se por multiculturalismo a abordagem que vai além da valorização da diversidade cultural em termos folclóricos ou exóticos, aquela que questiona a construção das diferenças e, por conseqüência, dos estereótipos e preconceitos contra aqueles percebidos como diferentes em sociedades desiguais e excludentes (CANEN; OLIVEIRA, 2002).

Inserida neste contexto sociocultural está a escola, a qual tem produzido ou reproduzido a exclusão de vários destes grupos sociais, gerando uma série de problemas, dentre os quais, o fracasso escolar.

Fazendo referência à “ideologia do dom e da meritocracia” Soares (1981) faz um alerta sobre o fracasso escolar e a estreita relação existente entre capacidades intelectuais, condições de vida, resultados escolares e classe social. A autora denuncia que em nome de uma Educação para as diferenças individuais e de uma proclamada necessidade de proteger os estudantes daquele fracasso previsto, oferece-se um currículo “apropriado” (grifo nosso) às suas supostas habilidades e capacidades. Ou seja:

[...] canalizam-se, controlam-se e limitam-se as possibilidades do indivíduo, na ilusão de que isto está sendo feito em benefício e em função de suas capacidades naturais, quando na verdade, se está amarrando irremediavelmente o

indivíduo à posição desfavorável que tem na hierarquia social (SOARES, 1981, p. 49).

De acordo com Moreira e Candau (2003) construir um currículo baseado no multiculturalismo requer dos professores novas posturas, saberes, conteúdos e estratégias de ensino, o que significa abrir espaços para a diversidade, a diferença e o cruzamento de culturas.

Candau (2005) argumenta que a temática da diversidade e da diferença não é um problema inédito nos estudos na área da Educação, de modo que não se podem ignorar as importantes teorizações que foram construídas a esse respeito. Segundo a autora, não convém anunciar esses problemas como novos, nem lançá-los como moda, o que geraria a perda desta memória, provocando descontinuidades nas lutas para mudar a escola.

A escola e a Educação Física, de modo particular, sempre tiveram dificuldades em lidar com a manifestação e a valorização das diferenças. Tenderam, ao longo da sua história, a silenciá-las e neutralizá-las, sentindo-se muito mais seguras e confortáveis com a homogeneização e a padronização (DAOLIO, 1995).

É preciso reconhecer que para implementar estas complexas mudanças na escola deve-se melhorar a formação do docente, as suas condições de trabalho e de salários, além da valorização do magistério e da escola. No entanto, conforme Canen (2001), deve-se articular esses aspectos a uma concomitante busca por práticas pedagógicas e de formação docente comprometidas com a inclusão dos grupos marginalizados.

Objetivo

Tendo em vista a atualidade do tema e a necessidade de investigações que se aprofundem na discussão do multiculturalismo, esta pesquisa, de caráter teórico, tem como objetivo analisar as interfaces entre a Educação Física escolar e o multiculturalismo, apresentando algumas sugestões de intervenção para o ensino básico.

Metodologia

Este artigo, que se aprofunda nas relações existentes entre o multiculturalismo e a Educação Física escolar, ocorreu com base em revisão

bibliográfica sobre o assunto, a qual faz um levantamento da bibliografia publicada na área, procurando informações bibliográficas que se relacionem com o problema de pesquisa (MACEDO, 1994; MARCONI; LAKATOS, 1986).

O trabalho de pesquisa norteou-se em autores como: Candau (2002), Canen, (2001), Canen e Oliveira (2002), entre outros, que concentram a discussão do multiculturalismo no campo da Educação, contribuindo para uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto no campo da Educação Física.

Ainda que essa seja uma temática bastante recente entre os estudos desta área, coube uma investigação minuciosa daquilo que tem sido produzido nos últimos tempos em Educação Física escolar, a fim de identificar as interfaces desta com a discussão atual acerca do multiculturalismo. Para tanto, a pesquisa pautou-se, também, em autores como: Sanches Neto e Oyama (1999), Oliveira (2005) e Souza (2005), Rangel (2006), além dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998).

Revisão de Literatura

Multiculturalismo: significados

Antes de iniciar a tentativa de definir o multiculturalismo vale a pena contextualizá-lo brevemente. O multiculturalismo surge, nos Estados Unidos, em meio a conflitos e trocas entre dois grupos: o dos colocados à margem da sociedade capitalista e o daqueles que se têm por hegemônicos.

Em 1960, no sul dos EUA, estudantes e líderes religiosos negros uniram-se a outros cidadãos negros na luta por garantia de direitos civis como um exercício de igualdade. Essa luta foi marcada na sua essência por legitimar as raízes culturais dos negros contra qualquer forma de dominação que desqualificasse as características físicas e as possibilidades intelectuais do povo em questão.

Assim, o multiculturalismo surge em um contexto cujo princípio ético busca a orientação da ação de grupos culturalmente dominados, aos quais não foi garantido o direito de preservação de suas próprias características culturais.

Posto isso, definir multiculturalismo, diante de um cenário no qual princípios universais de igualdade e justiça estão a todo instante sendo negados e negligenciados, torna-se uma tarefa

difícil, porém extremamente desafiadora. Além disso, é um termo polissêmico, pois basicamente configura-se como sendo a coexistência de várias culturas num mesmo território. Segundo o dicionário de relações étnicas e raciais de Cashmore (2000) encontramos a seguinte definição para o termo: “O multiculturalismo possui, na sua essência, a idéia ou ideal de uma coexistência harmônica entre grupos étnica ou culturalmente diferentes em uma sociedade pluralista” (p. 371).

Porém, aqui, procuramos ir além da valorização dessa diversidade cultural, buscando compreender a coexistência de diversos pontos de vista, interpretações, visões e atitudes provenientes de diferentes bagagens culturais. Essa vertente mais crítica é denominada de multiculturalismo crítico ou perspectiva intercultural crítica, a qual evidencia as contradições socioculturais, traz o foco para as diferenças, rejeita o preconceito e considera a alteridade como possibilidade de transformação social (CANEN; OLIVEIRA, 2002).

O excerto abaixo confirma tal idéia:

O multiculturalismo é o jogo das diferenças, cujas regras são definidas nas lutas sociais por atores que, por uma razão ou outra, experimentam o gosto amargo da discriminação e do preconceito no interior das sociedades que vivem [...] Isto significa dizer que é muito difícil, se não impossível, compreender as regras desse jogo sem explicitar os contextos sócio-históricos nos quais os sujeitos agem, no sentido de interferir na política de significados em torno da qual dão inteligibilidade a suas próprias experiências, construindo-se enquanto atores (GONÇALVES; SILVA, 1998, p. 19).

As tentativas de definir o conhecimento a respeito do que venha ser o multiculturalismo permitem inferir que o termo não tem significado em si ou de si, mas sim do contexto em que é produzido e ao propósito a que se coloca (McLAREN, 2000).

Para Canen e Oliveira (2002) o multiculturalismo refere-se à necessidade de compreender-se a sociedade como constituída de identidades plurais, considerando toda a diversidade de raça, gênero, classe social, padrões culturais e lingüísticos, habilidades e outros elementos de identidade.

Mais do que um conceito ou termo pré-definido, o multiculturalismo apresenta-se como um movimento de afirmação da cidadania e de participação consciente do cidadão dentro da

sociedade contra as injustiças sociais, em favor da garantia de direitos e na proposição de estratégias que encaminhem para uma sociedade cujo respeito seja o princípio maior.

Dialogando com o termo

Nunca se falou tanto em cultura como nos últimos anos no Brasil, principalmente no campo da Educação: cultura escolar, cultura da escola, diversidade cultural, multiculturalismo, sujeitos socioculturais, cultura juvenil, cultura negra, etc. (GOMES, 2003).

Porém, conforme Gomes (2003), se a discussão se restringir ao simples elogio às diferenças ou reduzir-se aos estudos do campo do currículo e da cultura escolar, corre-se o risco de não se explorar toda a sua riqueza. Seja na Educação ou nas ciências sociais, a cultura é muito mais do que um conceito acadêmico, diz respeito às vivências dos sujeitos, às suas formas de concepção do mundo, às particularidades e semelhanças construídas por eles ao longo de seu processo histórico e social.

A cultura não é mais entendida como reflexo de uma estrutura econômica, e sim como um processo social constitutivo, o qual cria modos de vida distintos e específicos (MOREIRA, 2002). De acordo com Candau (2002), a cultura tem se livrado de seus determinismos tradicionais em relação à vida econômica, às classes sociais, às questões de gênero, à etnicidade e à religião.

Ainda segundo Candau (2002), a escola é uma instituição cultural, construída historicamente no contexto da modernidade para desenvolver uma função social fundamental: transmitir cultura. Não há processo educativo que não esteja inserido na cultura da humanidade e, principalmente, no momento histórico em que se situa, oferecendo aos educandos o que a humanidade produziu culturalmente de mais significativo. Esse modelo seleciona saberes, valores e práticas que considera adequados ao desenvolvimento dos educandos. Porém, essa perspectiva assume uma visão monocultural da Educação e, particularmente, da cultura escolar.

Gomes (2003) propõe a escola como um espaço de cruzamento de culturas, exigindo que nela se desenvolva um novo olhar, uma nova postura, a fim de que sejamos capazes de identificar as diferentes culturas existentes no universo escolar. Ou seja, ao invés de preservar a tradição monocultural, a escola tem de lidar

com a pluralidade cultural, a fim de reconhecer os diferentes sujeitos presentes em seu contexto, abrindo espaço para a manifestação e valorização das diferenças.

Em suma, há diversidade de conceitos quando há referência à cultura e é essa polissemia que sustenta a idéia de multiculturalismo. Se a cultura é diversa, então a realidade é multicultural. A realidade da Educação Física escolar também é assim: diversa e multicultural. É possível que esse seja o elemento comum à cultura, ao multiculturalismo e à Educação Física: a diversidade de conceitos, valores e práticas. Parece-nos que tudo que é cultural, vivido, envolve algum tipo de movimento. Pensamos que o multiculturalismo consiste nas formas de expressão das diferentes culturas, implicando respeito e acolhimento das mesmas. É esse respeito comum que permeia as questões dos negros, dos homossexuais e demais grupos na vida em sociedade, da mesma forma, nas aulas de Educação Física, os alunos com tais características demandam o mesmo respeito.

Justamente ao pensarmos sobre o contexto da Educação Física na escola, vislumbramos uma continuidade de atitudes que extrapolam a própria Educação Física escolar, porque abrangem a totalidade das relações interpessoais, as práticas multiculturais se dão a partir da ausência de violência, passando pelo respeito, pelo compartilhamento e culminando no amor, no aprofundamento da intimidade afetiva. É o compartilhar conceitos, valores e práticas que permite a aproximação de pessoas com culturas originalmente distintas, grupos de trabalho que têm algo em comum ou o mesmo foco de interesse, por exemplo: os grupos que se formam nos ambientes de aula e que permanecem juntos nos intervalos de recreio, os colegas de trabalho que se encontram depois do expediente. É nesse âmbito que as relações econômicas, de gênero, etnia e orientação sexual podem aflorar de forma harmônica. Homens e mulheres hetero e homossexuais, de classes econômicas e etnias diferentes, podem descobrir-se compartilhando os mesmos valores, os mesmos partidos políticos, costumes semelhantes, os mesmos programas televisivos ou o mesmo time esportivo. Na escola percebemos a associação direta de certos temas transversais com essas práticas. Além da própria pluralidade cultural, temos trabalho e consumo e orientação sexual.

Na última etapa dessa escala de continuidade de atitudes e práticas multiculturais, temos algo que é difícil identificar porque a afetividade entre os seres humanos, por mais que se tente, não é racionalizável. O que faz com que pessoas se amem, se cuidem mutuamente? O que faz com que casais se apaixonem? O que aproxima pais e filhos adotivos? O que faz com que amizades perdurem? Essa intimidade afetiva, amor ou simplesmente boniteza (FREIRE, 2004) é, no nosso entender, a única forma genuína e sincera de manifestação multicultural. Essa aproximação despojada com o outro, assim como ele é, essa alteridade máxima que nos permite sermos também os outros, além de sermos nós mesmos, essa continuidade do nosso ser no outro, é o que pode garantir a ética e a paz constantes, ainda que sejamos todos diferentes. É o que agrada aos professores quando vêem seus alunos incorporando verdadeiramente atitudes éticas, dentro e fora da escola.

Educação e multiculturalismo

Educação e multiculturalismo, aproximação ou distanciamento? O debate existente sobre a importância dos sistemas educacionais atentarem para privilegiarem a diferença, a inclusão e o não preconceito se estende a algumas áreas de estudos, principalmente pedagógicas e educacionais.

Porém, a que se presta a Educação? Qual a sua função social e sua significância cultural? A Educação e seus processos podem transformar comunidades e sociedades, mas, também, podem conduzir as pessoas, por meio dos educadores, para um labirinto muitas vezes sem saída, enfatizando, mesmo que sem propósito, a dominação, a exclusão, e a continuidade de atitudes que poderiam ser consideradas como anti-Educação.

A idéia de multiculturalismo, de pluralidade cultural, já deveria pertencer a todo e qualquer processo educativo, contudo, a formação profissional ainda enfrenta problemas em relação a esses termos em todos os níveis. Daí a necessidade de grupos de pesquisa, e outras formas de mobilização social, alertarem sobre os problemas e sugerirem soluções abrangentes, e não apenas conceituais ou paliativas, expondo, por exemplo, a existência do preconceito e do racismo dentro da escola, instituição relevante no contexto cultural de várias sociedades. Talvez,

assim, a convivência se torne mais adequada e as diferenças se estabeleçam com um status positivo nas representações individuais e coletivas.

Devemos compreender que a escola pode (e deve) ser um ambiente de inclusão, que deve ser considerada a partir do respeito e da valorização das diferenças culturais. Assim, voltar o olhar para a diversidade de culturas imersas no contexto escolar é de fundamental importância para a formação dos alunos/cidadãos.

Neste sentido, Gusmão (2003, p. 102) aborda que:

Isso exige uma abertura para pensar o que somos e o que não somos, reconhecer o mundo do outro no nosso mundo, a vida do outro como parte de nossa vida e estabelecer pontes, abrir portas, para que o trânsito no espaço comum seja solidário e democrático... sem transformar o outro num igual sem face, mas admitir sua igualdade – de direitos, de cidadania ou o que mais que seja -, preservando-lhe a diferença.

O interesse na elaboração de conhecimentos relacionados ao multiculturalismo e as relações sociais devem ter papel importante na formação de crianças, adolescentes e jovens.

Gonçalves e Silva (1998) afirmam que “[...] e, como a Educação, qualquer que seja ela, está integralmente centrada na cultura, pode-se entender porque os multiculturalistas fizeram da instituição escolar seu campo privilegiado de atuação”. (p. 16)

Mudanças no currículo escolar e nos objetivos que se propõem a alcançar com os alunos devem começar logo para uma modificação desta realidade que temos hoje no Brasil e no mundo. Uma Educação para o não-preconceito, para um convívio multicultural, pode transformar relações desiguais em possibilidades de entendimento e respeito.

Perez Gómez citado por Candau (2002), afirma que “[...] a escola deveria ser concebida como um espaço de cruzamentos de culturas e exercer uma função de mediação reflexiva daquelas influências plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações” (p. 139).

O professor Mariano Enguita Fernandez, entrevistado por Modé e Rangel (2003) comenta que: “A Educação ideal está baseada no respeito e reconhecimento das diferentes formas de se

comunicar, das minorias ignoradas, dos imigrantes [...]” (p. 29).

No Brasil, algumas escolas de origem alemã, japonesa, espanhola e indígena e outras instituições de enfoque afrocentrista, além de inserirem seus alunos na cultura da escola, ensinam sobre outras culturas, proporcionando uma visão mais ampla da diversidade cultural (CALSAVARA, 2003).

Entretanto, Gusmão (2003) afirma que, na escola, esta perspectiva multicultural traz desafios muito grandes. Senão vejamos:

O desafio da escola e dos projetos educativos que orientam nossa prática está no fato de que, para compreender a cultura de um grupo ou de um indivíduo que dela faz parte, é necessário olhar para a sociedade onde o grupo ou o indivíduo estão e vivem. É aqui que as diferenças ganham sentido e definem o papel da alteridade nas relações sociais entre os sujeitos. (p. 92).

Para haver mudanças reais nas escolas de ensino (público ou particular), nas questões referentes à diversidade de culturas, serão necessárias mudanças de postura e atitudes, reformulações de currículos e engajamento dos professores. Portanto, a formação de professores deve ser, também, multicultural, no sentido do entendimento/envolvimento/participação nestas questões. Trabalhar com a formação de professores para o reconhecimento da diversidade de universos culturais distintos (de alunos e professores) implica na conscientização desses professores.

A modificação dos currículos é proposta por Candau (2002) quando afirma que é necessária uma transformação para um “[...] currículo na perspectiva da introdução da sensibilidade à diversidade cultural.” (p. 134). A partir disto Banks e Banks (apud CANDAU, 2002) distinguem quatro abordagens curriculares.

O primeiro nível se parece muito com as festas “extra-curriculares”, totalmente desconectadas dos conteúdos, como festa junina, dia do índio, semana da consciência negra, apresentações de danças chamadas, também na escola, de “folclóricas”. Estas mudanças não mexem com as disciplinas, nem com o currículo escolar. Neste caso a informação aos alunos sobre a diversidade cultural torna-se esporádica.

Gusmão (2003) destaca que:

Fazer isso é congelar a cultura, reificá-la, transformá-la em recurso de folclorização, e

como tal acentuar as diferenças. Nesse processo rompe-se a possibilidade de comunicação e de aprendizagem para reforçar os mecanismos discriminatórios e a desigualdade, instaurando a impossibilidade da troca e dos processos de equidade entre sujeitos diferentes. (p. 95-96).

O segundo nível aparece inserido já nas disciplinas, mas como um conteúdo, sem uma mudança significativa no currículo. O professor “separa” uma ou mais aulas para falar sobre o tema, não sendo uma proposta contínua.

O terceiro nível transforma a estrutura do currículo, tornando-o ligado às questões conceituais dos temas e fatos das diferentes culturas. Neste caso as disciplinas apresentam objetivos em comum em relação à diversidade de culturas.

O quarto nível ultrapassa o limite do saber (conceitual) e insere-se em projetos com diferentes grupos culturais, relacionando teoria e prática. O objetivo é expandir os objetivos “acadêmicos” da escola, intervindo na comunidade.

A formação docente, dentro de uma perspectiva multicultural, deve, portanto, aproximar a realidade (cotidiano, cultura escolar) da teoria (conhecimentos adquiridos na formação), tornando a vivência e a reflexão sobre as questões de gênero, classe, etnia, religião, pontos marcantes desta formação, o que faz com que as diferenças passem a ser identificadas como um encontro e não como um esbarrão, atribuindo valores aos debates e conhecimentos de forma a não dar continuidade ao status vigente. (CANDAU, 2005),

O currículo formador de profissionais para o ensino infantil, fundamental e médio deve “estimular a realização da pesquisa científica crítica da sociedade e das questões sócio-político-econômicas do país [...], caracterizar a maneira de atuação do profissional em relação à realidade atual da sociedade dentro de um imaginário [...], ser capaz de identificar as contradições existentes na sociedade e tentar superá-las” (MEZZADRI, 1994, p. 100).

Educação Física e multiculturalismo

As questões valorativas, embora vivenciadas em aulas de Educação Física, e até mesmo incluídas em alguns planejamentos, estão sendo colocadas em xeque e discutidas com maior profundidade a partir dos PCNs (BRASIL, 1998).

O tema transversal, "Pluralidade Cultural", e a possibilidade de orientação dos conteúdos que incluem a dimensão atitudinal, permitem e encorajam o olhar para o multiculturalismo, abrindo-nos novas idéias e caminhos em direção a um planejamento mais real, seguro e abrangente.

Apesar de discutida com profundidade no campo do cinema, da televisão, da música e da dança, bem como nas áreas da Sociologia, Antropologia, Psicologia e Educação, a abordagem sobre o multiculturalismo não vem acontecendo com a mesma regularidade e veemência no campo da Educação Física escolar.

Alguns temas possuem uma ênfase maior quando visualizados sob a ótica da inclusão, como é o caso das pessoas deficientes e das relações de gênero; no entanto, outros temas como o racismo, as questões religiosas, as diferenças de habilidades, as questões de sexualidade e as desigualdades sociais ainda necessitam ser explorados pela área.

Cada uma destas questões pode ser observada no dia-a-dia da prática profissional de professores, incluindo-se, aí, o de Educação Física, ou seja, o que demonstra que não são problemas estanques da área de Educação Física, mas, sim, povoam o contexto educacional. Talvez o único senão se refira aos casos das diferenças de habilidades motoras, uma vez que diz respeito diretamente a esta área. Alunos com dificuldades em executar determinadas habilidades motoras acabam, no campo dos procedimentos, excluídos (ou se excluem) das aulas, porém quando estas mesmas crianças recebem mais atenção, bem como os conteúdos apresentados são tratados sob a ótica das diferentes dimensões (atitudinal e conceitual), a falta de habilidade não desencoraja ou exclui nenhum aluno (DARIDO; RANGEL, 2005).

Dentre os poucos estudos realizados na área de Educação Física escolar, destacam-se alguns trabalhos qualitativos e exploratórios que abordam o preconceito étnico e outros tipos de preconceitos (SANCHES NETO; OYAMA, 1999, OLIVEIRA, 2005, SOUZA, 2005, RANGEL, 2006). A discriminação racial, embora ainda não tão discutida na Educação Física (OLIVEIRA, 2005, RANGEL, 2006), já é alvo de estudos que a percebem sob a perspectiva social (SANCHES

NETO; OYAMA, 1999). Neste sentido, a escola seria inacessível a grande parte da população, principalmente àqueles que não podem pagar por seus serviços.

Oliveira (2005), ao entrevistar professores de Educação Física sob a ótica da etnia, percebeu que os mesmos afirmam que as crianças negras são as primeiras a serem escolhidas em jogos, por exemplo, tendo em vista que os colegas as acham as mais habilidosas. Entretanto, quando o fato não é confirmado, há uma total desvalorização destas crianças negras, surgindo frases do tipo:..."Tinha que ser o neguinho" (p. 39).

Souza (2005), observando o preconceito, a discriminação e a exclusão em aulas de Educação Física escolar, em turmas do Ensino Fundamental e Médio, relata algumas situações. como a ocorrida durante a realização de uma partida de handebol em que: "...o único aluno negro da sala esbarra em outro aluno e este diz: ...ô negão abre o olho que eu vou pegar você" (p. 49). Na mesma pesquisa a autora destaca, embora com menor freqüência, um outro tipo de preconceito, agora contra os loiros de pela clara: ..."vai lemão..." (p. 49).

Nas aulas de Educação Física o universo do multiculturalismo encontra-se ainda mais à mostra, pois os corpos das crianças se encontram em exposição, refletindo, muitas vezes, a sua cultura familiar. Embora a escola tente uniformizar os alunos, transformando-os em iguais, é no espaço aberto da quadra, do gramado, da terra batida, que as mensagens culturais aparecem. Além das valorizações espontâneas, o professor deve propor situações em que as diferentes culturas se mostrem, como no caso das manifestações da cultura brasileira.

Possibilidades de intervenção pedagógica

Tendo em vista as demarcações conceituais, bem como as reflexões sugeridas nesse artigo, cabe agora apontar caminhos que levem à reflexão a respeito de **atitudes de preconceito e discriminação**. Para isso vale salientar que as concepções dos professores acerca dessa temática precisam ser tocadas, discutidas, e em alguns casos transformadas. Como trabalhar de forma multicultural nas aulas de Educação Física? Basta preparar uma apresentação de capoeira na Semana da Consciência Negra ou da

Abolição da Escravatura? Ou é melhor fazer apresentações de danças típicas regionais na semana do folclore? Ou, ainda, proibir qualquer tipo de manifestação preconceituosa em suas aulas, punindo os alunos que assim ajam?

Conforme visto anteriormente, estas posturas são insuficientes, pois se encontram apenas no primeiro nível de mudança do currículo para uma ação multicultural mais profunda, proposto por Banks e Banks (apud CANDAU, 2002).

Sendo assim, que caminho deve ser seguido para que as aulas de Educação Física respeitem e valorizem as diferenças existentes entre os alunos, sejam elas de natureza étnica, de gênero, de habilidades, de orientação sexual, de origem social ou de outra natureza? Que caminhos, então, deve seguir o professor de Educação Física para que consiga atingir ao menos o segundo nível de mudança curricular proposto por Banks e Banks (apud CANDAU, 2002), ou seja, para que trate de forma mais específica o multiculturalismo?

Propomos, a partir deste momento, alguns encaminhamentos pedagógicos que a nosso ver possibilitariam um melhor tratamento do multiculturalismo nas aulas de Educação Física. Porém, é necessário não esquecer que a Educação Física, como componente curricular, encontra-se em um contexto multicultural – a escola – e, sendo assim, seus responsáveis – os professores – devem trabalhar em sintonia com as outras disciplinas, propondo, inclusive, mudanças curriculares que possibilitem a inclusão deste tema.

De acordo com Candau (2002), cabe à escola preocupar-se com objetivos como: o reconhecimento do outro, o sentido de grupo e a relação entre os diferentes, estabelecendo o diálogo crítico. Reforça a autora que “[...] a introdução da perspectiva multicultural no dia-a-dia das escolas [...] provoca muitas questões pedagógicas [...], o relacionamento professor(a)-aluno(a) [...], a organização da sala de aula..., a relação escola/comunidade, entre outras”. (p.149).

Diante desta realidade, existe a necessidade de uma mudança no currículo das escolas, e uma maior preocupação no trabalho com as diferenças e com a preparação para o convívio em uma sociedade multicultural. Acredita-se, ainda, que a escola pública seria a mais beneficiada com essas mudanças, tendo em vista

que “[...] a escola pública é um local privilegiado, no qual o professor de Educação Física pode desenvolver um trabalho voltado aos extratos menos favorecidos socialmente” (SANCHES NETO; OYAMA, 1999, p. 60).

Salientamos, entretanto, que o primeiro passo é garantir o tratamento destas questões dentro da especificidade do conteúdo da área, o que faz com que esta abordagem ganhe mais significado.

Se pretendemos alterar algum tipo de comportamento, o primeiro a ser observado deve ser o nosso, professores. Assim, a temática do multiculturalismo exige que cada um de nós repense seus próprios preconceitos, suas experiências de vida, seu *status quo*. Muitas vezes possuímos um tipo de comportamento que necessita de uma reflexão mais aprofundada.

Os apelidos pejorativos, por exemplo, constituem prática comum e que podem prejudicar a auto-imagem dos alunos que o recebem. Não prestar atenção e não interferir de forma concreta sobre esta prática pode colaborar com este prejuízo. Se não houver intervenção, o professor pecará por omissão, o que significa igualar-se ao comportamento de quem age de forma pejorativa (OLIVEIRA, 2005; SOUZA, 2005; RANGEL, 2006).

Propomos, a seguir, um planejamento envolvendo a temática do multiculturalismo, que caminha do objetivo à avaliação, como possibilidade concreta de intervenção na área.

Planejando junto ao multiculturalismo

a) Definição dos objetivos

Qual é, afinal, nosso objetivo ao tratar do multiculturalismo? Quais as idéias e ideais que pretendemos que nossos alunos alcancem? Antes de tudo é necessário buscar conhecer o tema e estudá-lo em sua abrangência. A compreensão de que a diversidade cultural deve ser respeitada deve ser o ponto de partida para uma prática que respeite a diversidade. Quando os objetivos tornam-se evidentes, o próximo passo fica mais fácil.

Fazemos, entretanto, uma observação: como o tema é novo e estudos são realizados a cada dia, alterando, inclusive, as formas de pensamento dos próprios estudiosos do assunto, nossa visão deve libertar-se para apreender estes estudos, ou seja, o multiculturalismo exige um pensamento aberto a novas idéias.

b) Escolha e contextualização dos conteúdos

Uma das principais características do multiculturalismo, a diversidade, já representa, por si só, uma possibilidade para a escolha dos conteúdos. Quanto maior a gama de experiências multiculturais, maior será a compreensão sobre o tema pelos alunos. Assim, escolher, inclusive junto aos alunos, os temas que comporão os conteúdos, é uma tarefa importante no desenvolvimento de um planejamento preocupado com as questões culturais.

Mas, não basta escolher e ministrar tais temas. A forma como o tratamento metodológico ocorrerá no dia-a-dia também pode refletir a opção pelo multiculturalismo. Assim, não basta, por exemplo, escolher uma dança que represente a cultura de um país e não contextualizá-la. Cada opção de conteúdo possibilita uma discussão, um esclarecimento e, talvez, uma nova visão sobre o assunto.

Outro exemplo: a escolha de um esporte não representa apenas apresentar o esporte, suas divisões de fundamentos, técnica e tática de jogo. Esta opção pode ir além, na medida em que conceitos e atitudes sejam incorporados ao ensino e à aprendizagem do mesmo.

Conhecer a história do próprio esporte, como foi criado, em quais condições, em que país, época, o que isto representava na época, se e por que foi alterado, o esporte na atualidade, implicações sociais do mesmo, são possibilidades metodológicas.

Portanto, no caso do jogo, do esporte, da ginástica, da dança e das lutas, o multiculturalismo se faz presente desde a história de sua criação, cada uma das manifestações reflete um momento de determinada cultura. São várias as possibilidades de se trabalhar com esta temática. A mais simples delas é vivenciar as diferentes "manifestações da cultura corporal". Um exemplo seria a experimentação de danças típicas dos diversos grupos étnicos que compõem o Brasil, demonstrando assim a riqueza e a diversidade de expressões existentes. O mesmo se aplicaria às ginásticas e às lutas, que ainda conseguem manter suas raízes ligadas às regiões de origem, o que também possibilitaria o conhecimento por parte dos alunos da diversidade cultural, ex.: Capoeira- Brasil/África, Judô, Karatê - Ásia. Entretanto, conforme destacado anteriormente não basta apenas

vivenciar estas diferentes manifestações culturais, mas, também que a partir delas se questione e se discuta as raízes (condicionantes históricas) destas, procurando afastar-se da manutenção / valorização / criação de estereótipos. Trata-se neste caso de buscar ancorar socialmente a questão, ou seja, explicitar as origens / construções de determinados conceitos (MOREIRA; CANDAU, 2003).

Também o esporte por sua característica competitiva, pode ser um grande pólo de reflexão sobre os problemas relacionados à diversidade étnica e cultural, revelando conflitos que significam uma grande oportunidade de hibridização, ou seja, de apresentação e confrontação de diferentes pontos-de-vista (MOREIRA; CANDAU, 2003), a partir do estudo e da discussão de questões como:

- a prática de declarações preconceituosas em momentos de grande tensão. Para que o professor de Educação Física seja capaz de trabalhar de forma multicultural em suas aulas é necessário que esteja preparado para coibir e discutir a prática de atividades discriminatórias nas mesmas, no momento em que elas ocorrem, através do diálogo franco com seus alunos, jamais tentando escondê-la. Manifestações estas que podem ocorrer de forma, teoricamente, bastante sutil como através da colocação de apelidos, da realização de gestos, da troca de olhares, das brincadeiras realizadas entre os alunos pois, como afirmam MOREIRA e CANDAU (2003) os elementos discriminatórios existem até nas brincadeiras.
- motivos da grande presença de determinados grupos étnicos em esportes populares (futebol, atletismo, basquete), em detrimento da pequena participação destes mesmos grupos em esportes mais elitizados (automobilismo, golfe, natação, tênis);
- a possibilidade de integração entre diferentes povos, quando da realização de eventos internacionais maciçamente divulgados (olimpíadas, copas do mundo de futebol); e,
- outras questões que estejam em destaque na mídia.

Outra tarefa fundamental na área para uma verdadeira abordagem multicultural é a análise e a crítica dos jogos e brincadeiras desenvolvidos em suas aulas que, muitas vezes, valorizam os alunos que apresentam determinadas capacidades físicas, notadamente velocidade e agilidade, criando um novo tipo de discriminação: a dos menos aptos ou capazes. Deve-se atentar

também aos jogos e brincadeiras tradicionais que, muitas vezes, por terem sido criados em outro contexto social, reforçam e divulgam preconceitos. Uma manifestação que ilustra tais atitudes é a criação de rótulos para os jogos em “atividades femininas” (amarelinha) e “atividades masculinas” (jogar pião).

Nas atividades práticas, os valores culturais também podem ser objetos de reflexão.

Por exemplo, nas lutas, a disciplina que beira à obediência irrestrita às normas, feitas há muitos anos atrás, ao juiz, ao respeito exigido. Em um esporte como o tênis, em que até algum tempo o silêncio era exigido, pois representava algo importante para seu país de origem, pode ser também objeto de uma aula.

Enfim, entendemos que não apenas a escolha dos conteúdos, mas e, principalmente, a forma de administrá-lo, revela a preocupação com o multiculturalismo. Além disso, não se pode esquecer de tratá-los em suas três dimensões, pois não basta que o aluno saiba que existem diferentes culturas, se não consegue respeitá-las e agir de forma não preconceituosa.

c) Encaminhamentos metodológicos

O documento PCNs (BRASIL, 1998), ao evidenciar o Princípio da Inclusão, já alertava para as formas de discriminação que a não valorização das diferenças sempre evidenciou na Educação Física. Ao discutir estas exclusões, Darido et al. (2001) propõem que o professor, ao deparar-se com estas situações, valorize ...“todos os estudantes, independentemente da etnia, sexo, língua falada, classe social, religião, opinião política ou social” (p. 20). Além disso, propõem que sejam favorecidas discussões e propostas estratégicas não excludentes em aulas.

A escola pode ser transformada em um espaço de crítica cultural, estimulando o estudante à compreensão de que tudo que passa por natural e inevitável precisa ser questionado e pode ser transformado. A análise da hegemonia dos esportes coletivos, como conteúdo da Educação Física escolar, precisa integrar o currículo, devendo ser confrontada e desafiada, como também o conceito de saúde e os seus desdobramentos para a prática de atividade física, entre outros.

Enfim, pela importância da temática, sugere-se que a mesma seja desenvolvida por meio da

realização de projetos que objetivem a diminuição de práticas discriminatórias e leve em consideração a realidade cultural da comunidade na qual a escola se encontra. Um grande caminho para a sua discussão é a utilização da mídia impressa (DARIDO et al., 2006).

d) Avaliação

Partindo-se do princípio que a Avaliação em Educação Física escolar deve, principalmente, auxiliar o professor a melhorar cada vez mais seu planejamento (DARIDO, 2005), entendemos que uma observação sistemática sobre as atitudes dos alunos (bem como a do próprio professor) seja o caminho a ser traçado durante a avaliação. Questões como “Está existindo respeito pelas diferentes culturas?” ou “Os alunos estão assimilando outras culturas e, ao mesmo tempo, valorizando a sua em sala de aula?” podem ser feitas no sentido de avaliar um planejamento que respeite as diferenças.

Considerações Finais

Esperamos ter alcançado o objetivo desse estudo, ao propomos não apenas o aprofundamento deste tema, mas uma possibilidade aos que atuam na escola. O que vislumbramos é a abertura de um olhar que seja capaz de compreender as diferenças culturais que permeiam as aulas de Educação Física e abordá-las de forma reflexiva.

Assim, o que propomos é o estudo e a compreensão do multiculturalismo, assunto recente na Educação Física escolar, tema que não pode mais ser camuflado, temido ou relegado neste país, pois o desconhecido provoca medo e só podemos vencer o medo olhando-o de frente.

Esperamos ter elucidado algumas questões referentes ao assunto e contribuído para ampliar o debate acerca das investigações culturais em Educação Física. Igualmente, cremos que esta temática é ampla, criando margem a novos estudos e pesquisas que possam fomentar tal continuidade.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental.** Brasília, 1998.

CALSAVARA, K. Diversidade na escola. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 fev. 2003. Folhinha.

CANAU, V. M. F. Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v.23, n.79, p.125-161, 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000300008>

CANAU, V. M. F. A diferença na universidade ainda é mais um esbarrão do que um encontro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COTIDIANO, DIÁLOGOS SOBRE DIÁLOGOS, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2005. p.1-21. Disponível em: http://www.gecec.pro.br/ARQUIVOS/Diferenca.pdf?ID_MSG=2 Acesso em: 31 jan. 2008.

CANEN, A. Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v.22, n.77, p.207-227, 2001. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302001000400010>

CANEN, A.; OLIVEIRA, A. M. A. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 61-74, 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000300006>

CASHMORE, E. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, Selo Negro, 2000.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.

DARIDO, S. C. Avaliação em educação física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coord.) **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coord.) **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A.; RAMOS, G. N. S.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; MOTA E SILVA, E. V.; RODRIGUES, L. H.; SANCHES NETO, L.; PONTES, G. H.; CUNHA, F. P. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.15, n.1, p.17-32, 2001. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/rpefglau.PDF> Acesso em: 31 jan. 2008.

DARIDO, S. C.; RODRIGUES, L. H.; RAMOS, G. N. S.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; MOTA E SILVA, E. V.; SANCHES NETO, L.; RANGEL, I. C. A.; PONTES, G. H.; CUNHA, F. P. **Educação física e temas transversais**: possibilidades de aplicação. São Paulo: Mackenzie, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: os saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GOMES, L. N. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.23, p.75-85, 2003. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000200006>

GONÇALVES, L. A.; SILVA, P. B. G. **O jogo das diferenças**: o multiculturalismo e seus contextos. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

GUSMÃO, N. M. M. Diversidade e educação escolar: os desafios da diversidade na escola. In: GUSMÃO, N. M. M. **Diversidade e educação**: olhares cruzados. São Paulo: Biruta, 2003.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1986.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo revolucionário**: pedagogia do dissenso para o novo milênio. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MEZZADRI, F. M. **A educação física no terceiro grau**: história, função, análise da proposta curricular. Campinas, SP: DEF/UEPR-FEF/UNICAMP, 1994.

MODÉ, G.; RANGEL, L. Escola de Babel. **Revista Educação**, São Paulo, v.6, n.71, p.26-31, 2003.

MOREIRA, A. F. B. Currículo, diferença cultural e diálogo. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 23, n. 79, p. 15-38, 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000300003>

MOREIRA, A. F. B.; CANAU, V. M. F. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.23, p.156-168, 2003. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000200012>

OLIVEIRA, A. F. **Preconceito, discriminação e exclusão nas aulas de educação física: a visão dos professores.** 2005. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

RANGEL, I. C. A. **Educação física na educação infantil:** notas sobre a possibilidade de formação de preconceito étnico-racial. 2006. Disponível em <http://www.mackenzie.com.br/editoramackenzie/revistas/edfisica/edfis5n1.htm> Acesso em: 25 ago. 2006.

SANCHES NETO, L.; OYAMA, E. R. Da escravidão negra à “escravidão econômica” contemporânea: implicações para a educação física no Brasil. **Discorpo**, São Paulo, n.9, p.45-71, 1999.

SOARES, M. B. Avaliação educacional e clientela escolar. In: PATTO, M. H. S. (Org.) **Introdução à psicologia escolar.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.

SOUZA, C. P. **Preconceito, discriminação e exclusão nas aulas de educação física na visão dos alunos.** 2005. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

Agradecimento: Profa. Luciana Moreira de Souza e Profa. Cristiane Helena Luiz Lourenço Mota e Silva

Endereço:
Irene Conceição Andrade Rangel
Depto. Educação Física- UNESP
Campus de Rio Claro
Av. 24-A, 1515 Bela Vista
Rio Claro SP
13506-900
e-mail: tatirene2002@hotmail.com

Recebido em: 25 de maio de 2008.

Aceito em: 8 de julho de 2008.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)